

O processo histórico-educacional em Nova Vicenza – Farroupilha/RS (1899 a 1917)

Resumo

O texto vincula-se ao projeto “Um olhar sobre a história do Colégio Estadual Farroupilha – Farroupilha/RS, 1899 a 1940”, pesquisando a vida escolar do Colégio Estadual Farroupilha, situado no município de Farroupilha, Rio Grande do Sul, entre os anos de 1899 a 1940, a fim de compreendermos as contribuições históricas e culturais desta instituição de ensino para a educação regional. Para este artigo, apresentamos um recorte do processo de organização da escola, situada na ex-Colônia Nova Vicenza, de 1899 a 1917. Ela foi criada a partir da iniciativa de pais imigrantes, que desejavam que seus filhos aprendessem o mínimo para ‘defender-se’ na vida, ou seja, aprendessem a ler, a escrever e a calcular. A metodologia consistiu na análise documental e o *corpus* empírico é formado pelo acervo disponível na escola, como atas de exames finais, termos de visitas do Inspetor Escolar, correspondências e fotografias. Os resultados apontam que a escola foi motivo de interesse e anseio de pais imigrantes e que houve um descaso do governo com elas, principalmente as localizadas em áreas rurais. O estudo traz o percurso inicial da educação em Nova Vicenza com a identificação do trabalho dos educadores, suas práticas e formas de organização do ensinar e aprender.

Palavras-chave: história da educação; imigração italiana; escola comunitária e pública.

Cassiane Curtarelli Fernandes
cassianecfernandes@gmail.com

Terciane Angela Luchese
Universidade de Caxias do Sul
taluches@ucs.br

Considerações iniciais

O presente artigo parte das investigações de uma pesquisa de mestrado, financiada pela CAPES, que está em andamento em uma das regiões do estado do Rio Grande do Sul, cidade de Farroupilha, buscando analisar a vida escolar de um colégio público, denominado Colégio Estadual Farroupilha, a fim de demonstrar sua importância para a historiografia da cidade e investigar o surgimento da educação escolar neste município.

Este artigo, assim, abrange a parte inicial da vida escolar do Colégio Estadual Farroupilha, contemplando o recorte temporal entre os anos de 1899 a 1917, onde aparece o surgimento desta escola, como primeira escola, até então, da cidade, quando essa ainda era distrito de Caxias do Sul e denominava-se Nova Vicenza.

O Colégio Estadual Farroupilha iniciou sua trajetória escolar como escola comunitária e surgiu devido à iniciativa de pais imigrantes que desejavam que seus filhos aprendessem a ler, escrever e calcular. Foi, durante algum tempo, mantido pela comunidade de Nova Vicenza.

O corpus empírico deste estudo está composto pela análise documental realizada a partir do acervo disponível na escola, como atas de exames finais, termos de visitas do Inspetor Escolar, atas de encerramento do ano letivo, listagem com o inventário do material disponível na escola, relação de alunos matriculados na primeira, segunda, terceira e quarta classes de ensino, obedecendo ao recorte temporal estabelecido.

O aporte teórico transita pelo viés da história cultural. Buscamos pensar os modos como a instituição escolar, trabalha, pensa e organiza seu processo identitário, ideias, seus sujeitos e sua história, também pelo viés da cultura escolar, analisando os movimentos presentes na agência escola. Investigamos quem eram os sujeitos dessa escola, quais práticas de ensino eram utilizadas, como era composto esse espaço, que discurso circulava, como era composto o currículo, dentre tantas questões que vão surgindo quando enveredamos por dentro do ambiente escolar.

Este estudo surgiu de inquietações referentes à história do município de Farroupilha, mais especificamente, sobre o processo educacional. No contexto maior da pesquisa, pretendemos compreender como a escola emergiu entre comunidades de imigrantes, quem foram os agentes e os sujeitos que a constituíram para ser o que é hoje,

quais os jogos de poder que a envolviam, como aconteciam as aulas, que materiais utilizavam, dentre tantas peças soltas desse quebra-cabeça que está, aos poucos, sendo reconstruído. Concordamos com os escritos de Ermel (2011, p. 23), acerca da história:

A história é pensada a partir de um problema, ou seja, ela não é um resgate do passado, mas o resultado do trabalho de construção do historiador a partir das perguntas que ele faz às fontes. Neste contexto de renovação, temos uma preocupação substancial em relação aos temas cotidianos, à história dos homens comuns, afinal, se tinha muito a fazer.

Inicialmente, tratamos do processo imigratório para posteriormente trazeremos a formação da ex-Colônia Nova Vicenza e, a partir dela, o início da educação em Farroupilha.

Da Itália partimos, na América chegamos

A história dos processos de colonização promovidos por imigrantes é marcada por momentos difíceis, que foram sendo constantes na vida daqueles que povoaram as terras devolutas do sul do país, afinal de contas, foram inúmeros os problemas enfrentados desde a partida da Itália que se deu *in máquina a vapore*¹ em condições precárias. Muitos italianos nem chegaram a conhecer o *Paese da Cucagna*², pois perderam a vida no trajeto e foram lançados ao mar. Os que sobreviveram aos meses de viagem, encontraram oportunidades para recomeçar e muito trabalho. Como nos relata Luchese (2007, p. 68), “as conquistas existiram, mas não sem trabalho. O *Paese da Cucagna* (país da fartura) foi, no entanto, o do trabalho, da perseverança”.

São do ano de 1875 os primeiros registros sobre a imigração italiana no Rio Grande do Sul. Conforme situam Dalla Vecchia, Herédia e Ramos (1998, p. 29), “a 20 de maio de 1875 chegaram os primeiros imigrantes em Nova Milano, ocupando a primeira légua dos Fundos de Nova Palmira”. Nova Milano é considerada berço da imigração italiana no Rio Grande do Sul por ter abrigado os primeiros italianos que chegaram a nosso Estado.

¹Na língua italiana, significava “navio a vapor”.

²“País da fartura”, prometido aos imigrantes italianos.

A divisão de terras foi estabelecida a partir da Lei de Terras de 1850, como explicam Giron e Herédia (2007, p. 34):

O espaço destinado à colonização estava diretamente ligado às mudanças da Lei de Terras de 1850, segundo o qual as terras, cuja posse não fosse confirmada por seus proprietários, deveria voltar às mãos do governo nacional. As terras não legalizadas, chamadas devolutas, seriam as áreas destinadas à colonização.

Ainda segundo os estudos das autoras, os registros mostram a criação, por parte do Império, de quatorze colônias no Rio Grande do Sul entre 1850 e 1889 e, após, foram instituídas mais quatro colônias:

As colônias imperiais criadas entre 1875 e 1877 foram: Caxias, Dona Isabel, Conde d’Eu e Silveira Martins. Os colonos a elas destinados, em sua maioria absoluta, eram italianos. Segundo a Secretaria de Agricultura, as colônias foram organizadas em linhas, e cada linha recebia um nome. As linhas tinham formas geométricas e demarcavam lotes (GIRON; HERÉDIA, 2007, p. 44).

A partir de 1875, chegam os primeiros imigrantes às áreas demarcadas pela Comissão de Terras e Colonização, iniciando mais um capítulo desta história. Foi preciso desmatar a mata virgem, construir barracões de madeira para morar, viver da caça e do que a natureza produzia, como o pinhão, abundante nesta região, até o momento em que as plantações pudessem vingar e dar sustento às famílias.

Nesse mesmo ano, o município de Caxias do Sul chamava-se “Colônia Fundos de Nova Palmira” e tinha sede em Nova Milano. A Colônia Caxias, assim chamada em 1877, teve um alto índice de desenvolvimento econômico, elevando-se à categoria de município em 1890, com o nome de Caxias. Nova Milano, e depois Nova Vicenza, foram instituídas como distritos de Caxias. Conforme Dalla Vecchia, Herédia e Ramos (1998, p. 35), Nova Vicenza foi “classificada como 3º Distrito de Caxias, de dezembro de 1917 a dezembro de 1927, passando, então, para 2º Distrito até a data de sua desanexação (1934)”.

Ex-colônia Nova Vicenza

A história do município de Farroupilha iniciou mais precisamente através das terras particulares da antiga Colônia Sertorina, localizada entre a Linha Palmeiro, atualmente

parte de Bento Gonçalves, e a 1ª e 2ª Léguas da atual Caxias do Sul. A professora Alice Gasperin (1989, p. 93) afirma que, “enquanto as terras da colônia Caxias e dos núcleos gêmeos de D.ª Isabel e Conde d’Eu eram loteadas e distribuídas, a ‘Colônia Sertorina’, encravada no meio da região, permanecia intacta”.

As terras eram particulares, pertenciam a Luiz Antônio Feijó Júnior, e foram doadas pelo seu amigo João Sertório, Presidente da Província do Rio Grande do Sul. Conforme os registros históricos, Feijó Júnior vendeu os seus lotes de terras para imigrantes italianos, inicialmente vicentinos e trevisanos, que fundaram a Linha Vicenza e posteriormente Nova Vicenza, que chamava a atenção à medida que se desenvolvia através do comércio, da agricultura e da indústria. Como referido anteriormente, a partir de 1917, Nova Vicenza deixa de ser Colônia particular para pertencer a Caxias do Sul.

Sobre as terras de Feijó, Alice Gasperin (1989, p. 113) assegura que “a ele deveu-se a fundação do núcleo colonial que se transformaria mais tarde no progressista município de Farroupilha”. A contribuição histórica que esses imigrantes italianos nos deixaram através do seu trabalho, conjuntamente com outros grupos, foram dando ares de cidade àquele pequeno vilarejo.

Imigrantes e escolarização: a comunidade organiza a escola

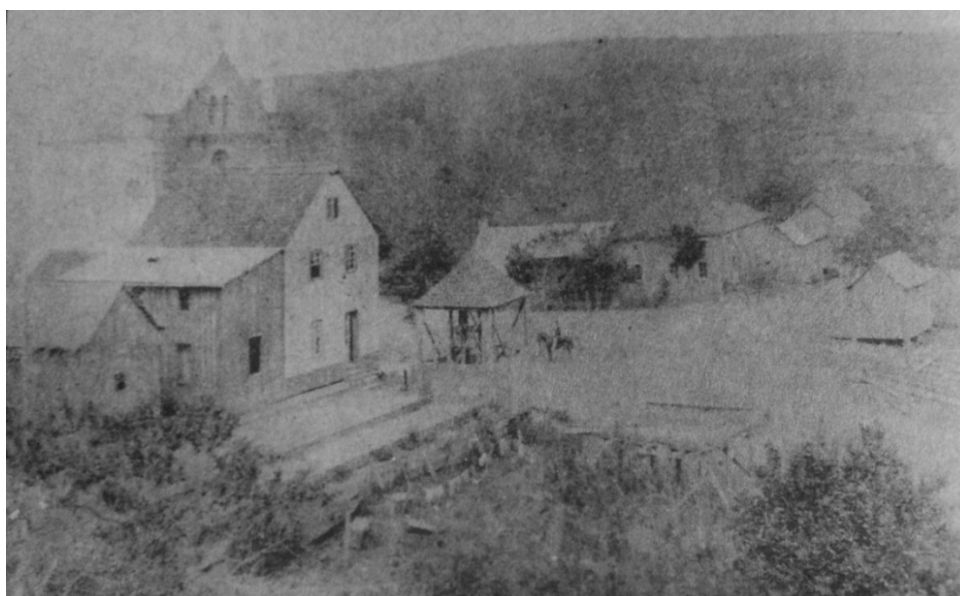


Figura 01: Aula de Nova Vicenza, localizada no primeiro casarão da direita para esquerda, próxima à igreja da comunidade. Fonte: Acervo documental do Colégio Estadual Farroupilha.

Aos poucos, os núcleos de imigrantes foram se organizando, formando comunidades, construindo igrejas, comercializando seus produtos e sentindo a necessidade de ler, escrever e saber calcular, habilidades básicas e que faziam falta no cotidiano. Assim, surgem as primeiras mobilizações por uma escola na comunidade de Nova Vicenza, hoje cidade de Farroupilha, como podemos observar na solicitação feita pelos moradores dessa comunidade, no ano de 1897:

Ilmo. Cidadão Intendente Municipal de Caxias. Dizem os abaixo assinados moradores do núcleo Nova Vicenza, da colônia Sertorina, que aquele lugar precisaria de uma escola mista. Ali tem-se no perímetro de uma légua perto de cem famílias que poderiam utilizar-se da escola. A Nova Vicenza dista 6 léguas da sede de Caxias e, 5 do núcleo São Marcos; e por conseguinte os moradores da dita localidade impossibilitados de aproveitar-se das aulas abertas pelo Estado em outros lugares em vista de uma tamanha distância. Na Nova Vicenza acha-se uma capela administrada pelo Pe. Giacomo Brutomesso o qual também reconhece a necessidade de abrir-se uma aula neste lugar. Por isso os humildes abaixo assinados Vos pedem que Vos dignes obter-lhes a aula pedida por ser esta de maior utilidade daquela povoação. P.P. Deferimentos. Caxias, 8 de janeiro de 1897. Assina o padre e mais 31 chefes de famílias (LUCHESE, 2007 apud ADAMI, 1981, p. 72-73).

Por meio dessa solicitação, podemos notar a presença do padre, figura marcante e que era frequentemente solicitado a ajudar nas necessidades da comunidade; nesse caso, a ajudar na concretização de um grande anseio: a escola. Educação e religião estavam constantemente interligadas nos núcleos de colonização italiana.

O pedido acima deixa evidente que a educação em Nova Vicenza surgiu por iniciativa de pais imigrantes, que buscaram a constituição da primeira escola que o então município de Farroupilha teve, sendo que tal iniciativa foi o marco para a organização da história da educação do município em estudo.

Pelo que as pesquisas indicam, o pedido do padre e dos pais foi atendido, pois no ano de 1899 encontramos registros de uma escola, localizada nas imediações da comunidade de Nova Vicenza, próxima à igreja de São Vicente. A escola funcionava em um casarão de madeira, com o nome de Aula de Nova Vicenza, e inicialmente era destinada apenas para meninos, permanecendo, assim, por alguns anos.

Havia descaso por parte do governo com a educação, e, em se tratando de comunidades do interior, esse descaso era ainda maior. As aulas comunitárias foram a alternativa encontrada para fornecer o mínimo de instrução possível aos filhos dos imigrantes. Como nos aponta o estudo de Dalla Vecchia, Herédia e Ramos (1998, p. 90), as escolas que foram sendo organizadas na região tinham caráter comunitário:

As aulas comunitárias foram a primeira forma organizativa, produzida pelos próprios imigrantes como alternativa para superar o grave problema da ausência de escolas. Essas aulas eram assim denominadas devido à sua autonomia e à sua liberdade de ação, principalmente pela inexistência de interferências de grupos e instituições de poder externos à população envolvida, garantindo aos participantes estabelecer as suas próprias prioridades. A decisão de quem seria o professor, o programa, os meios e os fins era toda do grupo, da comunidade.

No ano de 1906 ocorreu uma mudança: a escola passou a se chamar Quinta Aula de Nova Vicenza, destinando-se ainda a meninos. Contudo, em 1909, a escola já abrigava em suas dependências meninos e meninas.

As mudanças ocorridas na organização da Nova Vicenza, em virtude do progresso que chegou com a estrada de ferro, em 1910, mudou o ambiente escolar, já que a educação se “adaptava” às novas transformações da colônia, e com ela ia expandido o seu fazer pedagógico. A estação ferroviária era motivo de anseio dos colonos, pois facilitaria o comércio de seus produtos com outras colônias e até mesmo com Porto Alegre, engrandecendo, assim, o comércio local. Segundo Gasperin (1989, p. 105-106):

A via férrea proporcionava um novo surto de progresso, uma nova era, compensando o trabalho e o esforço dos artífices de novos municípios, que até então lutavam com dificuldades naturais que lhes cerceavam a expansão e o intercâmbio comercial. Com a chegada do trem, muitos comerciantes e industrialistas abriram logo filiais em Porto Alegre, facilitando e ampliando assim os seus negócios.

Em 1916, há registros de outra escola, “denominada 22ª Aula Pública e Mista, nas imediações da Estação Férrea, concomitante a “Nova Vicenza Velha”, sendo possível observar a 1ª, 2ª e 3ª classes funcionando com a regência de um único professor” (STELLA; PELLICOLI, 2008, p. 29). Existiam nessa época duas escolas, uma na antiga Nova Vicenza e outra nas imediações da estrada de ferro. Há indícios de que ambas, nesse tempo,

pertenciam ao município de Caxias e que, anos mais tarde, a união das duas formaria o Grupo Escolar Rural de Nova Vicenza.

Contexto e vida escolar em Nova Vicenza, Farroupilha/RS

Borges (1994, p. 61) afirma que “tudo quanto se diz ou se escreve, tudo quanto se produz e se fabrica pode ser um documento histórico”. A mesma autora cita que uma vez a ideia de documentos históricos estava atrelada à ideia de “papéis velhos”, que diziam respeito a pessoas de destaque social, como religiosos, reis, generais, entre outras figuras ditas “importantes”, mas que, nos dias atuais, se tem consciência de que, por exemplo, “um cardápio de restaurante, um folheto de propagandas são documentos históricos significativos e reveladores de seu momento” (BORGES, 1994, p. 61).

O pesquisador irá, através do olhar de seu tempo e mediado por uma ou mais teorias, significar esses documentos, fazendo uma leitura da realidade passada, e, no caso da instituição escolar, pode utilizar-se de múltiplas fontes de pesquisa como sendo uma das formas para compreender a história de uma determinada instituição de ensino e sua cultura escolar. Concordamos com Stephanou e Bastos (2011, p. 49) quando afirmam que:

[...] a pesquisa histórica interrogará não apenas qual a verdade encerrada do documento, escrito, imagético ou oral, mas suas funções socioculturais, seu conteúdo discursivo, seus códigos específicos, suas formas sintáticas, tipográficas se impressos, léxicas se orais, estéticas se imagéticos ou iconográficos. Interrogará igualmente os usos variados de seus consumidores.

Pensando nisso e no contexto cotidiano, na vida escolar das primeiras décadas de Nova Vicenza, perguntamo-nos sobre os sujeitos que frequentaram e constituíram a escola, com características comunitárias e étnicas. A partir dos estudos de Luchese (2007, p. 340) acerca dos sujeitos escolares da Região Colonial Italiana, entendemos que:

Os sujeitos escolares que viveram cotidianamente o processo de escolarização estão sendo compreendidos aqui como os que construíram e, ao mesmo tempo, foram constituídos pelos fazeres e práticas escolares. Os professores e seus alunos (inter)mediados, numa tessitura de poderes, pelos inspetores, pelas famílias, autoridades políticas e religiosas, foram centrais na instituição da cultura escolar, de fazeres

cotidianos, no processo de afirmação da escolarização pública na Região Colonial Italiana.

O professor José Moschen, responsável pelas aulas em Nova Vicenza, provavelmente foi o primeiro professor que a comunidade teve; seu nome aparece nas atas escolares até o ano de 1905. Estamos à procura de indícios que possam nos contar sobre a vida desse educador. Quem foi? Pertencia à comunidade? Era pago pelos moradores? Que práticas utilizava no seu fazer pedagógico? São muitas as perguntas, para as quais, ainda, não foi possível elaborar todas as respostas.

As atas de exames escolares se constituem em uma rica fonte de investigação, pois são reveladoras de um momento que muito tem a nos dizer sobre a história da educação de uma determinada comunidade ou instituição escolar. Foram analisadas as atas de exames do Colégio Estadual Farroupilha, referentes aos anos de 1900 a 1917.

A “Aula de Nova Vicenza”, em 1900, sob regência do professor José Moschen, contava com 44 meninos. As avaliações orais eram feitas por parte da Comissão Examinadora, realizadas uma vez ao ano. Conforme o estudo de Stella e Pellicoli (2008, p. 21):

As avaliações orais ocorriam sempre no mês de dezembro e eram realizadas por uma Comissão vinda de Caxias do Sul. O resultado obtido pelo aluno era expresso através dos seguintes conceitos: Simplesmente Aprovado, Plenamente Aprovado ou Aprovado com Distinção. Neste sentido o professor também era avaliado, pois um resultado positivo por parte dos alunos demonstrava esmero do professor na realização de suas tarefas; já um baixo rendimento por parte dos alunos era interpretado de forma negativa demonstrando pouco afinco por parte do mestre.

Em uma das atas, datada em 15.12.1901, observamos a dificuldade em conseguir materiais didáticos para a escola. O professor José Moschen havia feito um “pedido de livros que ainda não havia chegado como aritmética, aplicações fundamentais e geografia” (STELLA; PELLICOLI, 2008, p. 21). Outro fato curioso é o de que os alunos desta aula haviam tido baixo rendimento escolar, “sendo o resultado atribuído ao pouco desempenho do professor ou à pouca vontade dos pais das crianças” (STELLA; PELLICOLI, 2008, p. 21).

Em 1903, a ata de exames finais descreve a presença de 25 alunos apenas, número reduzido se comparado com os três anos anteriores em que a turma era composta, em média, por 40 alunos. Nas atas de 1906, o nome do professor José Moschen desaparece, dando lugar ao professor João Pereira da Rosa. A partir desse ano, a escola passa a se chamar “Quinta Escola de Nova Vicenza” e, conforme a Comissão Examinadora, “a aula ganhou um voto de louvor em vista do adiantamento de seus alunos e a boa ordem da mesma” (STELLA; PELLICOLI, 2008, p. 23).

Já em 1909 as aulas passam a ser mistas e, neste ano, encontramos a figura de uma professora mulher, pois, até então, só tínhamos registros de professores do sexo masculino. A professora era Maria Ignez Vizeu e, pelos registros feitos pela Comissão, durante alguns anos subsequentes, foi uma educadora de destaque, demonstrando dedicação e empenho nas suas funções como professora; seus alunos demonstravam ordem, disciplina, um bom aproveitamento e adiantamento escolar. A lista de presença escolar, nesta época, mostra um aumento significativo do número de alunos, contando com 72 alunos matriculados e participantes dos exames finais.

Dentre o acervo documental disponível para pesquisa, encontra-se um inventário do material didático utilizado nas aulas da mesma professora, como: ardósias, caixas de giz e penas d’Aço, réguas e tubos de tinta Eagle. Como material de leitura, a escola dispunha de cartilhas, manuscritos, gramáticas, livros de história do Brasil, do Rio Grande do Sul, agronomia, geografia; para as aulas de cálculo, existiam as tabuadas e os livros de aritmética. Com esse material, podemos observar os conteúdos que eram ensinados e os materiais que eram utilizados para a realização das atividades. Ainda, conforme alguns registros à parte, identificamos as práticas da professora Maria, que utilizava no seu dia a dia, em sala, exercícios de escrita diversos, ditados, o uso da caligrafia, contas, problemas matemáticos e trabalhos manuais.

A educadora ganhou destaque no cenário educacional da Região Colonial, segundo Stella e Pellicoli (2008, p. 29), no ano de 1916:

A Comissão proferiu uma ligeira alocução congratulando a população desta localidade, não só dos eminentes serviços prestados pela

professora na cultura intelectual dos filhos de Nova Vicenza, como pelas excelentes condições higiênicas do local onde funciona a referida aula.

Notamos que os cuidados com a higiene escolar já estavam presentes no cenário da educação em Nova Vicenza, assim como na educação do estado, que, na década de 1920, ganhou força em virtude da nova proposta de escola primária: os grupos escolares. O estudo de Ermel (2011, p. 58) aponta que, diante do novo regime republicano:

A instituição escolar, neste período, é vislumbrada como possuidora de todas as forças necessárias para a constituição do novo homem, o cidadão republicano. Uma formação que garantisse sanidade mental, higiênica, moral para o convívio social.

Em virtude desse novo discurso de sociedade, formação do homem e escolarização, foram introduzidos, aos poucos, os cuidados com a higiene no ambiente escolar, que incluíam a introdução de banheiros separados por sexo, a presença de médico na escola e programas de higiene escolar.

No ano de 1916, os “registros mostram o funcionamento de uma segunda escola isolada denominada 22ª Aula Pública e Mista, nas imediações da Estação Férrea” (STELLA; PELLICIONI, 2008, p. 29). Esta outra escola funcionava próxima à estrada de ferro, na rua Cel. Pena de Moraes, principal rua da cidade de Farroupilha, sendo que ambas pertenciam ao município de Caxias e que, anos mais tarde, a união das duas formaria o Grupo Escolar Rural de Nova Vicenza. A 22ª Aula Pública e Mista funcionava sob a regência da professora Maria Mocellini³, que ministrava aulas para a 1ª, 2ª e 3ª classes, conforme as Atas Escolares disponíveis no Acervo Histórico do Colégio Estadual Farroupilha.

Pensando ainda nos sujeitos escolares, pelo Livro de Matrículas, é possível identificar quem eles eram, qual sua idade, filiação, nacionalidade, ritmo de frequência, bem como noções de comportamento e aproveitamento escolar. É possível perceber quando havia desistência do aluno e identificar quais os motivos que o levaram à desistência. No Livro de Matrícula do ano de 1916, constam 46 alunos matriculados. As

³ A professora Maria Mocellini foi, conforme registro de Lebrun (1935, p. 140), “nomeada em 16 de fevereiro de 1907 para efetivamente reger a 10ª escola mista do Lajeado, no município de São João de Camaquã. Passou a servir em 1907, na escola da Linha Jansen, em Bento Gonçalves. Em 1917, foi removida, a pedido, para a 21ª escola da Conceição, em Caxias. Designada, em 1927, para servir no grupo escolar de Nova Vicenza, hoje sede do município de Farroupilha.”

idades variam entre sete e treze anos. Já em 1917, são 67 os alunos matriculados, porém, apresentando frequência média mensal, apenas 31 alunos, sendo 16 meninos e 15 meninas.

Nessa análise, notamos alunos com uma grande quantidade de faltas, como foi o caso da aluna Isolina, com 163 faltas, pertencente à 4ª classe, no ano de 1917, com sete anos de idade.

Ainda aparece a divisão das classes por idade. A classe mais numerosa, em 1916, era a 1ª, composta pelos alunos de sete a dez anos. Esse fato nos suscitou algumas dúvidas: era a mais populosa em virtude de ser do início do período letivo (fevereiro) ou porque os alunos mais velhos, com doze e treze anos, depois de alfabetizados (nos anos anteriores), deixavam de estudar para trabalhar?

Observamos, também, no mesmo período, a presença de irmãos em idade escolar e que os alunos eram, em sua maioria, meninos, sendo 28 no total, enquanto que as meninas eram em 18 alunas. A 1ª classe era constituída por 29 alunos, a 2ª por 11 e a 3ª classe por apenas 6 alunos. Perguntamo-nos se haveria ainda um discurso cultural, nesta comunidade, de que as meninas não precisariam estudar? No livro de matrículas de 1916 não consta nenhuma observação anotada pela professora.

Já no ano de 1917, dos 67 alunos, observamos que eram 32 meninas e 35 meninos. Neste ano, houve um número crescente de alunos e a introdução da 4ª classe. A 1ª classe era formada por 2 alunos, a 2ª classe por 5, a 3ª por 13 alunos e a 4ª classe, a mais populosa, era constituída por 47 alunos. Nesta Ata, verificamos, no item Observações, anotações da professora Maria Mocellini descrevendo o nome dos alunos que mais haviam se destacado nos exames. No item Eliminados, notamos, com unanimidade, que a mudança das famílias, era o único motivo de desistência escolar, de acordo com as anotações realizadas pela professora. Ainda, ao lado de cada nome, aparecem os conceitos de Aproveitamento e Comportamento, divididos em Regular, Bom e Muito Bom.

Considerações finais

A escola teve, sim, importância no universo dos imigrantes italianos, tanto em Nova Vicenza, quanto em outras cidades da Região Colonial Italiana. Como nos relata Luchese (2007, p. 113), acerca da escola nos anos de 1875 a 1930:

A escola foi desejada e solicitada. No universo cultural daqueles imigrantes e seus descendentes, ela tinha importância no processo de negociação e construção dos processos identitários, na afirmação e constituição de significados culturais, bem como uma utilidade prática – a de conhecer o idioma nacional, podendo assim comercializar seus produtos e não serem enganados.

Lembramos que espaço educativo entre os imigrantes não era apenas a escola. A educação se fazia presente em casa com a transmissão de valores, na execução de trabalhos domésticos, nas atividades do campo e do comércio. Também podemos citar a igreja com as aulas de catequese, e, porque não, os próprios filós⁴, que se constituíam em um importante momento de celebração da cultura.

Defendemos a ideia de que, em Farroupilha, assim como em outros núcleos de imigrantes da Região Colonial Italiana, a educação também era valorizada e era motivo de luta e anseio dos imigrantes, indo ao encontro das afirmações de Dalla Vecchia, Herédia e Ramos (1998, p. 254):

Confirma-se esse fato pela iniciativa dos imigrantes de criarem aulas denominadas “comunitárias”. O professor era escolhido pelos próprios imigrantes entre os que tinham maior conhecimento. As aulas eram gratuitas e ocorriam na casa de um dos pequenos proprietários que tinham tido a iniciativa de promovê-las. Foi essa a primeira experiência educativo-escolar realizada pelo grupo que ocupou e colonizou essa região.

As primeiras escolas, em especial as rurais, surgiram pela iniciativa de pais imigrantes que, não podendo contar com o apoio do governo, doavam o terreno, construía suas escolas, pagavam os professores, ora com dinheiro, ora com o que produziam na lavoura. Eram escolas improvisadas, funcionavam sem lugar adequado, sem materiais, e, muitas vezes, o professor era aquela pessoa da comunidade com um

⁴ Festas tipicamente italianas.

pouco mais de instrução, que dividia outras tarefas com os ensinamentos básicos na escola.

O descaso do poder público com a educação era evidente, como elucida o estudo de Dalla Vecchia, Herédia e Ramos (1998, p. 254), ao afirmarem que havia desinteresse “do poder público federal ou estadual que não cumpria o estabelecido pela Constituição Federal e o descumprimento da promessa feita aos imigrantes por parte do governo italiano”.

A partir destes fatos iniciais sobre a história da educação no município de Farroupilha, podemos identificar como surgiu a primeira escola, as dificuldades enfrentadas e, ainda, compreender quem foram os primeiros educadores que a cidade teve: José Moschen, João Pereira da Rosa, Maria Ignez Vizeu e Maria Mocellini, figuras importantes no processo educacional do município.

Em virtude da análise realizada dos documentos encontrados, conseguimos identificar os primeiros sujeitos que fizeram parte dessa história e como decorreram os primeiros anos de escolarização, identificando a frequência escolar com que os alunos iam à escola, os motivos que os levaram, muitas vezes, a abandoná-la, as faltas decorrentes dos afazeres domésticos e do campo, a idade escolar desses alunos e a divisão em classes, algumas práticas de ensino-aprendizagem utilizadas pelas professoras, os materiais disponíveis na escola, entre outros.

Também concluímos a importância que teve o trabalho das professoras Maria Ignez Vizeu e Maria Mocellini, as quais eram sempre elogiadas pela Comissão na realização dos exames finais, já que a maioria de seus alunos apresentava bom comportamento e um elevado índice de adiantamento escolar. Elas foram professoras dedicadas ao exercício do magistério, tão carente de recursos, e que fizeram diferença na vida daquelas crianças que estavam por escrever a história de Farroupilha.

Referências

- ADAMI, João Spadari. **História de Caxias do Sul: 1877 a 1967**. Porto Alegre: EST, 1981.
- BORGES, Vavy Pacheco. **O que é história**. 19. ed. [S. l.]: Brasiliense, 1994.
- DALLA VECCHIA, Marisa Virgínia Formolo; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; RAMOS, Felisbela. **Retratos de um saber: 100 anos de história da rede municipal de ensino em Caxias do Sul**. Caxias do Sul, RS: EST, 1998.
- ERMEL, Tatiane de Freitas. **O “Gigante do Alto da Bronze”**: um estudo sobre o espaço e arquitetura escolar do Colégio Elementar Fernando Gomes em Porto Alegre/RS (1913-1930). 2011. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- GASPERIN, Alice. **Farroupilha: ex-colônia particular sertorina**. Caxias do Sul: Caxias do Sul, RS: [s. n.], 1989.
- GIRON, Loraine Slomp; HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. **História da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 2007.
- LEBRUN, Júlio. **Almanack escolar do Estado do Rio Grande do Sul**. Diretoria Geral da Instrução Pública. Porto Alegre: Selbach, 1935.
- LUCHESE, Terciane Ângela. **O processo escolar entre imigrantes da região colonial italiana do RS – 1875 a 1930: leggere, scrivere e calcolare per essere alcuno nella vita**. 2007. 495 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.
- STELLA, Deisi Cristina; PELLICOLI, Neiva Maria Travi. **História e memória do Colégio Estadual Farroupilha**. Farroupilha: [s. n.], 2008.
- STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara. **História e memória da educação no Brasil**. Vol. III, Séc. XX. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Documentos pesquisados no Acervo Documental do Colégio Estadual Farroupilha:

Acervo fotográfico.

Inventário do material de ensino.

Livro de Matrículas referente aos anos de 1916 e 1917.

Livro de Atas de Exames Finais referentes aos anos de 1900 a 1917.